

**A PRATA DO LEITE: IDENTIDADE, TEMPORALIDADES E TRABALHO  
ARTESANAL EM OURO PRETO (MG)**

Leon Kaminski

UFOP/PMOP

leonkaminski@ymail.com

A contracultura foi constituída por uma série de movimentos díspares e contraditórios que visavam à contestação dos valores tradicionais e o racionalismo da modernidade e da tecnocracia. Ela manifestou-se amplamente na música, na poesia e na literatura entre outros espaços artísticos; nas manifestações políticas da nova esquerda, a luta ecologista, nos movimentos feministas, na luta pela liberdade sexual etc. Apoiavam-se num ideário no qual estavam na agenda novas formas de vida, rejeição a valores da sociedade industrial e novas experiências espirituais e sensoriais por meio de substâncias alteradoras de consciência. Estes preceitos, embora presentes nas décadas anteriores, tomaram vulto nos anos 1960 e provocaram diversas mudanças, algumas sutis, outras não, nos costumes e nas práticas cotidianas, além de enorme impacto no meio artístico-cultural.

No Brasil, que vivia em pleno período ditatorial, parte da juventude recontextualizou e ressignificou o imaginário e as práticas da contracultura internacional inserindo-a no cenário nacional (SANTOS, 2008). Alguns destes jovens buscaram formas alternativas de vida comunitária e a viver do trabalho artesanal.

Em Ouro Preto, iniciou-se um grande fluxo contracultural a partir de 1967, estimulado pelo clima cultural dos primeiros Festivais de Inverno promovidos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Esse fluxo se ampliaria na década seguinte e permaneceria nos anos oitenta. Mas a contracultura apresenta-se de forma multifacetada e heterogênea, sendo impossível uma homogeneização desses movimentos.

Entre final dos anos 1970 e começo dos 1980, ocorreu a formação de comunidades alternativas em Santo Antônio do Leite, distrito de Ouro Preto. Portadores de uma estética diferenciada da tida como normal para época, os primeiros hippies/artesãos a chegar ao distrito passaram por um processo de aproximação com a população local que

reagiria ao choque cultural. Perseguindo formas auto-sustentáveis de vida, dedicaram-se à produção artesanal. Acabou-se tendo nesse ponto um dos principais laços que ligariam a população local e os que chegavam de fora. Mais tarde, essa localidade tornar-se-ia um importante pólo de artesanato em prata. O trabalho com o artesanato, uma das formas de crítica à sociedade capitalista e a modernidade, é compreendido como uma forma de retorno a formas de trabalho pré-industriais. Maneira também que parte dos jovens e das comunidades alternativas se auto-sustentavam.

Temos como objeto o trabalho artesanal, uma das manifestações da contracultura, como forma de manutenção econômica e contestação ao capitalismo e a sociedade baseada na tecnocracia. E, necessariamente, como ele se insere, especificamente, dentro das dinâmicas da vida comunitária de Santo Antônio do Leite em Ouro Preto, como elemento do processo de hibridação cultural e de construção identitária. Nessa comunidade ainda há grande número de artesãos que residem na localidade, podendo, assim, analisar como a pluralidade de culturas e temporalidades expressou-se nesse encontro e refletir sobre a hibridação cultural na produção artesanal da localidade e suas reestruturações.

Optamos pela metodologia da história oral porque, além da escassez de outras tipologias de fontes, os depoimentos não carregam dentro de si somente as particularidades das lembranças de cada pessoa, trazem juntamente consigo toda a atmosfera do mundo coletivo do qual fazem parte, a inserção histórica de cada indivíduo. Desta forma, memória e história, “especialmente quando inter-relacionadas, constituem-se fundamento, em substrato identificador do tecido social” (NEVES, 2000, p.113).

Paul Thompson (2002, p.9) compreende a história oral como “a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências”. Verena Alberti vê nessa metodologia seu caráter totalizante, onde as entrevistas constituem num constante esforço de construção de um *sentido* e de uma *síntese* para o passado vivido. Através da produção das fontes por meio da história oral conseguimos captar por base o individual, o singular, como representação da heterogeneidade dos grupos sociais em questão. “A memória, como substrato da identidade, refere-se aos comportamentos e às mentalidades coletivas, na medida que o relembrar individual encontra-se relacionado à inserção histórica de cada indivíduo” (DELGADO, 2006, p.50).

## A CHEGADA

A presença de hippies/artesãos em Santo Antônio do Leite foi marcada pela chegada de Jamil Assaf à localidade entre o final dos anos 1970 e início dos 1980. Sua história está em sintonia com o imaginário da contracultura. Ele, que já havia se iniciado no artesanato aos dez anos de idade, morava em Belo Horizonte e fez curso de mecânico no Senai, porque o pai exigia, e foi trabalhar na Fiat. Jamil fazia bolsas e sandálias em couro nos momentos de folga, até que se envolveu com leituras de tratados herméticos e saiu de casa e abandonou o trabalho.

Eu tinha um amigo de Ouro Preto. (...) E esse amigo, família tradicional de Ouro Preto. Esse amigo conseguiu por meio da família dele uns livros antigos (...) E dentre esses livros eu encontrei um de, eu não me recordo a data ao certo, não me recordo a data ao certo, mas eram tratados herméticos. (...) E aquilo ali me fascinou. Por eu ser mecânico não tinha jeito. Então, eu, ah, se eu vou buscar a pedra filosofal, se eu vou à busca da pedra filosofal eu tenho que ter uma forma de viver sem depender da mecânica. Porque a busca da pedra filosofal, algo que exigia dez anos de total dedicação. (...) Então, eu deixei a mecânica, deixei tudo, parti para o interior, vim para Amarantina [distrito de Ouro Preto, próximo a Santo Antônio do Leite]. (...) Em Amarantina, nós trabalhávamos artesanato e vendíamos em Belo Horizonte, vendíamos em Ouro Preto. (...) E nessa ida para Amarantina conheci algumas pessoas que eram artesãos que moravam lá. Eram bolivianos, chilenos, alguns que trabalhavam com tecelagem, uns chilenos que trabalhavam com couro, e outros trabalhavam com madeira. (ASSAF, 2007a, p.02)

Saindo de Amarantina foi para Santo Antônio do Leite, onde foi o precursor da vida comunitária alternativa no distrito.

E chegamos... foi eu e minha esposa, a Estela. Fomos para Santo Antônio do Leite e vimos um casarão. Um casarão que para a gente, muito incrível, apesar de estar abandonado, estava precisando umas reformas, quando a gente chegou lá até o pessoal falava que era mal-assombrada, era um casarão antigo (...). Aí a gente começou a viver lá, a gente trabalhava e vendia na praça da Liberdade. Na época de Santo Antônio do Leite nós já tínhamos ganhado um espaço, podíamos trabalhar como artesãos e podíamos vender nosso trabalho, em aspas, dignamente. (...) Morou muita gente nessa casa de Santo Antônio do Leite, passou foi muita gente mesmo, muita, e de várias culturas e de vários países. (...) Esse Carlos, de uma certa maneira, foi a ponte internacional para a gente conhecer pessoas diferentes porque ele viajou, ele foi ao Peru, Bolívia e conheceu outros estrangeiros e veio. Ele veio trazendo Laurence e Ande que era da Guiana Inglesa e uma francesa chamada Monique. E conviveram um tempo com a gente. E eles viajavam e traziam outros. E chegou um ponto que nossa casa chegou a ficar internacional mesmo. (...) Então, a gente por ter uma casa grande e ter pessoas de várias... abrimos como uma comunidade sem *muito* regras, apesar que depois tivemos que criar certos tipos de regras porque sempre tem uns e outros que gostam de trabalhar menos, outros né... Fixei uma regra básica

que todos tinham que cozinhar, os homens tinham que rachar lenha mesmo. A gente lá fazíamos pães, tudo para nosso próprio sustento. (ASSAF, 2007b, p. 01-2)

Podemos perceber, nesse trecho, dois pontos importantes para o entendimento da formação do ambiente alternativo em Santo Antônio do Leite. O primeiro, e que voltaremos mais adiante, é a questão da formação de redes de contatos e relacionamentos no mundo contracultural. O segundo diz respeito à liberdade e ao estabelecimento de regras e o fluxo de pessoas (diretamente implicado com ponto anterior) nessas comunidades.

A casa de Jamil foi a pioneira na localidade, porém, a partir daí a vida alternativa no distrito aumentou consideravelmente. No caso de Santo Antônio do Leite não houve somente uma, mas sim várias comunidades, residências como a de Jamil que se abriam para quem viesse, e também pessoas, casais que tinham sua própria casinha; cada uma com suas regras (ou sem elas). Por isso, no distrito estabeleceu-se não uma comunidade, mas um ambiente de *vida comunitária alternativa* e não isenta de contradições e tensões.

## ESTRANHAMENTOS

Temos, desta forma, o encontro entre a contracultura e uma comunidade tradicional mineira.. Os estranhamentos, de ambas as partes, foi inevitável. Contudo, temos que ter em vista que mesmo sendo um distrito afastado, com poucos recursos, eles estavam nos anos 80 e um mínimo de conhecimento sobre essa juventude eles tinham, ainda que fosse uma leitura conservadora. Do outro lado temos uma multiculturalidade bastante heterogênea, tanto no que diz respeito às origens desses estrangeiros (e mesmo dos brasileiros) quanto no imaginário e influências da contracultura (por si só plural).

Os estranhamentos ocorreram de ambos os lados e foi essencial para o surgimento de uma realidade espaço-temporal *multi* e *intercultural* no distrito. Para Homi Bhabha (1998), o estranhamento é a condição para as iniciações extraterritoriais e interculturais. No caso dos moradores originais, eles acabaram se sentindo estranhos dentro de sua própria localidade.

O choque cultural com a chegada dos “estrangeiros” foi evidente. Marta Eliza Amaro (2009), que possuía entre dez e quatorze anos na época e depois foi trabalhar com eles, relata que “naquele momento era uma coisa chocante, as pessoas olhavam meio assustadas, inclusive minha família olhava meio assustada” e continua “a partir do choque, foram se envolvendo e viram que não era nada daquilo e poderiam misturar” (p.01-2).

Contudo, a memória deste choque está mais presente nas primeiras pessoas que chegaram lá. Jamil Assaf (2007b) lembra que “o povo passava perto de onde a gente morava e fazia o sinal da cruz como se a gente fosse aberração” e ainda “tinha um senhor (...) que era dono de uns dez burricos mais ou menos e trabalhava só com lenha; ele vendia para um vizinho do lado, para o outro vizinho, mas para gente não vendia” (p.03). Entretanto, essa tensão iria mais além; Gisela Kasten (2007) comenta que

A chegada lá foi assim, o pessoal nunca tinha visto gente de fora [palavra inaudível] porque a gente era muito diferente. Chegou uma loirona com cabelo curtinho, cheia de brinco. Era uma coisa assim. Era uma comunidade pequenininha. *Lembro* uma época que teve uma votação para ver se a comunidade [riso] queria a gente ou não lá dentro. O povo saiu para votar, se era bom ou não era ter o pessoal de fora. (p.02)

Por outro lado, se houve um preconceito dos locais em relação aos hippies/artesãos, não podemos deixar de expor que o estranhamento também se deu no sentido contrário, algo como a “visão do estrangeiro”. Gisela Kasten, que estava terminando o curso de História na USP e o abandonou para morar no Leite, expõe que

era incrível, assim, porque apesar de ser uma roça, o pessoal não sabia o que era uma cenoura, não sabia o que era beterraba. Todo mundo plantava couve, cebolinha [riso], então era, assim, uma carência muito grande de tudo mesmo, sabe, de emprego, de humanidade e de *uma coisa* diferente, de mundo, de horizonte, esperanças.

Compreendemos que desses dois pólos de estranhamento tenham surgido as condições para a hibridação cultural. Para Néstor García Canclini (2006; p.xix), hibridações são “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos ou práticas”. Importante para entendermos os desdobramentos ocorridos em Santo Antônio do Leite é a colocação do mesmo autor quando argumenta que a “hibridação, como processo de interseção e transações, é o que torna possível que a *multiculturalidade*

evite o que tem de segregação e se converta em *interculturalidade*”<sup>1</sup> (p.xxvi). Devemos observar a diferença entre esses dois termos grifados. O primeiro refere-se sociedades que possuem diversos grupos culturais diferentes, mas que não necessariamente convivam harmonicamente e realizem trocas culturais e que podem mesmo ocorrer manifestações de intolerância e de segregação. O segundo representa sociedades onde estes diversos grupos superaram, em parte ou completamente, as diferenças e passaram por processos de trocas e misturas culturais. Contudo, o autor lembra que tais processos de hibridação não estão isentos de contradições e tensões.

Santo Antônio do Leite se caracterizou como um espaço de fronteira cultural, onde diferentes culturas tomam contato umas com as outras. Homi Bhabha (1998, p.27) expõe que o “trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com ‘o novo’ que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma idéia de novo como ato insurgente de tradução cultural”.

O que acabou se configurando como ponto de aproximação e interação entre os grupos foi o trabalho artesanal e a renda gerada por ela. A produção artesanal aqui é o nosso ponto de análise e discussão e fio condutor, mas como García Canclini defende, o objeto de estudo não deve ser a hibridez e sim o processo de hibridação. Desta forma pretendemos nos ater mais, dentro dos relatos, nos processos de interação e criação que possibilitaram os processos de hibridização cultural e suas reestruturações.

## O ARTESANATO

Uma das principais formas de sustentação da contracultura hippie foi o artesanato. Como já foi dito, ele representa, dentro do imaginário contracultural, uma forma de negação à modernidade, possibilidade de retorno a formas pré-industriais, podendo o artesão deslocar-se pelo mundo viajando e vivendo de sua produção sem depender de patrão ou fixar-se em uma comunidade alternativa, ou seja, uma forma de trabalho libertário. Em Santo Antônio do Leite não seria diferente, muito dos hippies/artesãos que foram fixar-se na localidade, mesmo que temporariamente, tinham como forma de sustentação o artesanato, ou na sua produção ou na sua venda como intermediário. Trabalhavam com materiais e técnicas diversificadas. Jamil, quando se instalou no

---

<sup>1</sup> Grifos do autor.

Leite, trabalhava com couro. O trabalho com prata começou posteriormente e foi o que teve mais sucesso dentro da comunidade e que proporcionou a aproximação com os moradores locais.

A produção artesanal em prata no distrito passou por diferentes momentos. Apesar de ter utilizado o termo “desenvolvimento” nas entrevistas, preferimos adotar o termo “reestruturações” utilizada por García Canclini (2006). A primeira remete a uma idéia de linearidade temporal da qual consideramos que não é a melhor representação para nosso objeto, pois entendemos que tal encontro proporcionou um espaço com múltiplas temporalidades e experiências de tempo. Ressaltamos que os diferentes momentos por nós trabalhados não são períodos estanques, fechados, pois mesmo atravessando reestruturações, as características deles estão presentes, ainda que minimamente, em maior ou menor proporção nos diversos períodos. O pesquisador argentino acredita que se deva “incluir na reestruturação a reencenação, os procedimentos de hibridação mediante os quais as rerepresentações do social são elaboradas com o sentido dramático” (p.262). Parte desse sentido dramático pode ser captado por meio de relatos dos atores envolvidos através da história oral, reconstruindo, assim, os processos de hibridação.

A incorporação do artesanato pela contracultura proporcionou uma ressignificação deste pelos membros do movimento em questão. Por outro lado, a comunidade local não possuía uma produção artesanal tradicional que tivesse peso econômico em seu interior, sendo assim um fruto da hibridação. Stuart Hall (2003) nos lembra que o “significado de um símbolo cultural é atribuído em parte pelo campo social às quais está incorporado, pelas práticas ao qual se articula e é chamado a ressoar”, não importando quais “são os objetos culturais intrínseca ou historicamente determinados, mas o estado do jogo das relações culturais” (p.241-2). É a partir desse ponto que tentaremos discutir os diferentes momentos do trabalho artesanal em prata de Santo Antônio do Leite. Prenderemo-nos a este, pois é o que teve maior permanência e é mais reconhecido como produto da localidade.

#### *a) Primeiro momento*

O trabalho em prata teve seu início em Santo Antônio do Leite após a chegada dos primeiros hippies/artesãos e foi fruto do estudo e da experimentação, pois os precursores não possuíam conhecimento das técnicas. Os depoimentos revelam que a

criatividade e a inventividade foram importantes para suprir as deficiências e a carência de ferramentas e de material. Jamil relata o início:

E eu me interessei por prata, então comecei a pesquisar sobre prata e comecei a desenvolver, comprei um maçarico antigo. (...) E comecei a trabalhar com prata... na época não tinha muita ferramenta, então a gente tinha que praticamente bolar as ferramentas para trabalhar. (ASSAF, 2007b, p.04)

Acabava por ser um trabalho mais rústico, utilizando técnicas primitivas. Aqui é onde temos as experiências de tempo mais significativas. Por meio da produção artesanal estas pessoas experimentavam uma temporalidade pré-moderna.

tinham pedras sim, mas jamais poderíamos, como artesãos, chegar, assim, comprar pedras mesmo para trabalhar. Então, a gente tinha que trabalhar o que a gente tinha, e daí a gente foi trabalhando, talhando as pedras com um método primitivo que, nossa, podia dizer, na verdade, e a gente ia talhar pedras com um amigo que trouxe um pedaço de couro de cação e o pó de uma pedra mais dura. (...) Botava em cima desse couro de cação, *nossa*, um processo *primitivo* mesmo. Daí começamos a trabalhar as pedras, com as pedras trabalhando a prata, aí a gente se envolveu mesmo. (p.05)

Marta Amaro (2009), que começara a trabalhar com eles com 14 anos relembra esse período em seu depoimento:

E eu acredito que eles não sabiam mesmo o ofício, eles estavam buscando em livros, estudando o ofício aparte para segurar essa situação do refúgio deles. Fugidos das residências deles, da Espanha, lá da onde... eles viraram hippies. E eu me lembro que eles trabalhavam naquela época com alpaca, foi o primeiro metal em contato. Alpaca, e eles foram jogando resina, criando, trabalhando com muito material de origem animal, que era o osso, o chifre do boi polido, trabalhava com, como chama, casco de tatu.. (p.03).

Claudia Silva (2009), moradora do localidade que, assim como Marta, foi trabalhar com os artesãos aos 14 anos relata que

No começo era bem mais difícil, a gente trabalhava com o que tínhamos. Bom, nós quase não conhecíamos ferramentas, era o básico mesmo, um alicate e uma tesoura, por exemplo, eu ainda tenho esses mesmos que eu comecei aí, 28 anos atrás, eu tenho ainda, que foram os primeiros, um alicate e uma tesoura. Meio parecido... época das cavernas. E depois fomos adequando ferramentas por aí. (p.03)

Estas falas exprimem bem a questão das múltiplas temporalidades. Em pleno final do século XX, jovens buscam aprender a trabalhar um material sem o acesso às ferramentas existentes para tal, e, desta forma, criando instrumentos e buscando técnicas primitivas para tal objetivo. Como Claudia Silva diz, meio “época das cavernas”. Este primeiro momento então se caracteriza pelo aprendizado, a construção de uma estrutura mais contracultural, mais anti-moderno, onde os trabalhadores locais ainda não exercem um papel tão importante como no momento seguinte. Trata-se de um hibridismo inserido dentro do clima de uma contracultura mais idealista. Claro, o próprio hippismo

é um movimento intercultural que tem na hibridação um de seus principais suportes, o mundo da viagem é o seu território. Todos os relatos apontam para a mistura de diferentes técnicas. Jamil exprime bem o clima:

Criamos vários tipos de trabalho, são criados lá mesmo, foram desenvolvidos, miscigenando, supunhamos, filigranas da Espanha, fundição primitiva do Chile, filigranas com fundição primitiva... se criou outros tipos de trabalho que se criou com fundição... Técnica de puxar o fio da prata e tecer como se tecia o colchete, fazer correntes, trabalhar como... nossa... houve um desenvolvimento muito incrível dos trabalhos de prata, muito incrível, foi essa miscigenação mesmo, essa mistura de técnicas e culturas diferentes. (...). Agora se faz trabalhos com um pouco da Espanha, com um pouco do Chile, tornava um trabalho diferenciado. (ASSAF, 2007b, p.12-3)

Um ponto importante para compreendermos melhor tanto a expansão da vida comunitária no Leite quanto a valorização do artesanato do distrito e o aumento da sua produção são as redes de contato e de relações existente dentro do movimento hippie e da contracultura. Uma analogia presente em um relato do ator Sérgio Mamberti (s/d) nos permite ter uma visão das proporções que essas que tomavam essas redes: “A minha casa passou a ser um centro da contra-cultura em São Paulo. *A minha internet era o movimento hippy*, pois meu endereço estava espalhado pelas agendas da contra-cultura no mundo e a toda hora chegavam essas visitas a minha casa”. A ampliação na quantidade de moradores em Santo Antônio do Leite pode ser analisada também por essa perspectiva, “eles viajavam e traziam outros”. Patrícia Rampazzo, artesã italiana que trabalha com cerâmica e foi morar no Leite, nos conta como tomou contato com o distrito:

E chegando aqui [em Ouro Preto], logicamente, eu ia vender o meu produto ali na feira que tinha na praça São Francisco e conheci outros artesãos que já moravam aqui em Santo Antônio do Leite. Inclusive conheci pessoas que eu já conhecia de outros lugares, e outras feiras pelo mundo afora, então o Leite tinha alguma coisa a mais, que tinha a ver comigo, por ser *assentamento de hippie* de vários lugares da Europa e da América Latina que moravam na casa. (p.03)

#### *b) Segundo momento*

A construção dessas redes proporcionou o reconhecimento e a incorporação da produção de Santo Antônio do Leite no mercado internacional. A mistura de técnicas e estilos fez com que as jóias em prata dos hippies/artesãos residentes na localidade

contivessem alguns diferenciais, a hibridez e o caráter não industrial, que abriram espaço para o aumento da produção.

O trabalho era lindo, diferente em termos de Brasil mesmo. Porque a prata não era muito trabalhada. (...) Todo o processo era todo manual. E isso dava um diferencial muito grande porque era muito diferente da prata fundida, da prata industrial. A gente começou a trabalhar muito forte no mercado. Vendia aqui, vendia em São Paulo, vendia em Brasília, Rio de Janeiro. (...) a gente comprava pedra e acabava que recebia muito canal, e essas pessoas iam passando para outras pessoas. E eram os bandinhos, trabalhavam muito viajando. (...) Então, a gente começou a viajar para fora do Brasil com essa prata e tudo. E foi super legal, porque um anel que vendia por dez dólares aqui, lá era quarenta, então começamos a vender muito, a fazer uma clientela, a fazer feiras internacionais e tal... (KASTEN, 2007, p.07-8. Grifo nosso)

E foi essa relação com o mercado que conduziu a reestruturação da produção artesanal no distrito, um novo processo de hibridação. Tendo em vista que a “reestruturação é, em parte, uma atualização do mercado” (GARCÍA CANCLINI, 2006, p.356), devemos analisar este segundo momento de olho nas relações sociais que se criaram a partir da ampliação das vendas, a inserção dos moradores na produção artesanal. Isto não se deu sem contradições, como veremos, dentro de alguns preceitos do pensamento hippie e nas relações interpessoais. Por outro lado, abriu-se um novo processo de hibridação com o ingresso desses novos atores, novos artesãos, e este produto passa a ter um papel importante economicamente no distrito. Contudo, temos que ter em vista que este novo momento não desfaz as características do momento anterior e sim as submetem a novas relações.

Com o crescimento nas vendas, tornou-se necessária a incorporação da mão-de-obra local para a produção. Marta Amaro comenta que “escutava que eles queriam ensinar, eles precisavam de mão-de-obra e nós fomos nos entrosando” (p.02), e continua:

Alguns de nós estudávamos de manhã e de tarde íamos ao atelier. Depois passou por um ciclo de muita produção, nossa senhora, produção de mais. Onde eu, por exemplo, confeccionava trinta anéis por dia, deixava assim... Aí começou a aparecer o capitalismo, vamos dizer, assim, entre eles. (...) Aí, Santo Antônio do Leite viu que poderia estar entrando mais pessoas para trabalhar, daí todo mundo foi criando seu atelierzinho no fundo de quintal... desculpa, antes mesmo, eles montaram oficinas nas suas próprias casa, porque eles queriam o domínio sobre nós, eles queriam o domínio, queriam o território só para eles. Então, cada chefe, cada patrão tinha seu grupo de umas cinco, seis pessoas trabalhando e a gente foi variando, trabalhando para outros artesãos também, para outros patrões. Alguns com carteira assinada, outros não. (...) E trabalhávamos, nessa época, em dólares, o pagamento foi muitas vezes recebido em dólares, é mole? (AMARO,2009, p.03-4)

Passou-se então de uma produção contracultural para uma produção mais comercial, com uma lógica mercadológica, e como é demonstrado nessa fala, entremeadas de relações de poder. Entretanto, apesar destas questões não podemos perder de nosso horizonte de análise a importância que essas reestruturações tiveram para a economia da localidade. Como Marta Amaro expôs: “Abriu nova expectativa de trabalho, enquanto antes era só a agricultura porque a agricultura já era pequeníssima” (p.02).

Foi gerando a renda. Tipo assim, eu comecei, depois outro e outros. E depois chegou uma época que, aqui, teve cerca de 50, 60 prateiros, e todos eram como fonte de renda e foram criando famílias, a maioria fez isso, criaram família através desse artesanato. (SILVA, 2009, p.02)

Gisela Kasten também fala sobre a expansão:

E fomos trabalhando, fomos fazendo o trabalho crescer, já estava tudo mais organizado, estávamos querendo sócios lá na Espanha, a gente que recebia, né, tudo direitinho. E essas famílias estavam trabalhando lá em Santo Antônio do Leite, quem ofereceu trabalho era muito querido lá, porque, assim, você deu uma solução para a vida do cara, eles trabalham em casa, nas oficinas, normalmente as oficinas são montadas nas casas, não tem que sair, não gasta dinheiro, almoça em casa, cuida da família. (p.08)

Porém, essa expansão e readequação do trabalho artesanal às relações do mercado trouxe contradições que levou alguns dos hippies/artesãos à reflexão e mudança de pensamento. Neste ponto o relato de Gisela Kasten é emblemático:

E, assim, concorrência começou a ter, coisas que a gente não sabia lidar. Como a gente faz com um concorrente que quer seu meu amigo [palavra inaudível] então tinha muito assim... A gente teve que reconstruir eticamente tudo, que como era nossa relação, que eram coisas que a gente criticava muito porque “não, todo mundo se ama”, “tudo é de todo mundo”, daí o cara está vendendo pra caramba e você não está vendendo nada, entendeu. Então a gente teve que reelaborar essa linguagem, colocar novos parâmetros. (p.08-9)

Desta forma, muitos dos antigos artesãos passaram a cuidar das vendas e da distribuição, montaram oficinas empregando mão-de-obra local. Vieram pessoas de fora para montar oficinas por causa da qualidade desta mão-de-obra. É daqui de devemos partir para compreender o processo de hibridação desse segundo momento. Temos o artesanato elaborado através das diversas técnicas oriundo do momento anterior, o orientalismo presente no imaginário contracultural, e o incremento do trabalho local com sua criatividade.

Além da qualidade e diferencial que o artesanato do Leite construiu, devemos ir um pouco mais adiante na discussão. O sucesso deste artesanato no meio comercial está vinculado à ambivalência da “massificação globalizada dos processos simbólicos”

(GARCÍA CANCLINI, 2006, p.xxv), ou seja, com os a revalorização da cultura popular e do artesanato estes ganham novo espaço no mercado dos bens simbólicos. Com isso, devemos pensar numa das influências que o imaginário da contracultura trouxe para o mundo ocidental, o orientalismo. García Canclini demonstra em seu trabalho que os “artesãos jogam com matrizes icônicas de sua comunidade em função de projetos estéticos e inter-relações criativas com receptores urbanos” (p.243-4). No nosso caso, o projeto estético (plural) daquele momento está mais ou menos bem definido e os receptores destes trabalhos se delineiam em um público hippie e também não hippies que o consumiam devido à massificação desse imaginário.

Mas o terceiro elemento para essas novas misturas foi a introdução da mão-de-obra local. Para Garcia Canclini (2006, p.xxii), “freqüentemente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. (...) Busca-se reverter um patrimônio (...) para reinseri-lo em novas condições de produção e mercado”. Com crítica forte, Marta Amaro nos dá uma amostra de como se dava a produção em algumas das oficinas:

como vou dizer, eles não eram os artesãos mesmo, então eles só chegavam e diziam “vamos fazer tantos anéis”. O modelo era da cabeça, a criação era nossa, entendeu. Às vezes eles traziam uma peça, “vamos fazer uma coisa assim”, a criatividade, a arte era da gente. (p.05)

Com esse processo de reestruturação, o artesanato passa a ser um ofício também da população local, não mais, podemos dizer, alienígena, exclusivo dos estrangeiros. Tanto que Patrizia Rampazzo (2009, p.04) comenta que “até os dias de hoje, por exemplo, a maioria dos trabalhadores de prata são nativos”. Soma-se a esse fator, a fixação de parte dessa população hippie/artesã que veio de fora no primeiro momento e ainda se dedica ao trabalho artesanal.

### *c) Terceiro momento*

Este terceiro momento se caracteriza pela conquista de autonomia por parte dos artesãos locais e busca de novas técnicas fora da contracultura e mesclas com outros estilos. A autonomia dos artesãos foi provocada, em parte, pela conscientização, por parte deles, das contradições da estrutura da produção. Marta Amaro nos dá um relato neste sentido:

Então, aí é que dá para perceber que não eram eles os artesãos, porque o que mais para a frente, sei lá, uns dez anos atrás, para muitos, ou antes, foi observado que existia uma manipulação também. Manipulação até de colocar

contraste na prata com selo do Rio. Uma pessoa que morava aqui, que mora, botar contraste do Rio quando o artesanato saía daqui, entende, e de dizer “são as minhas jóias”, não falava que era terceirizado. E aí, acho que tudo isso é que foi se separando, como esse atelier aqui, como o dos colegas, que começamos aí a prestar mão de obra. Demos um passo a mais. (p.05)

Dílson Ribeiro da Silva (2009), líder da associação de artesãos de Santo Antônio do Leite, nos conta como foi este processo:

Então, acho que isso ai foi um ganho, mesmo que hoje temos, hoje, a feira de artesanato aqui e tudo, então foi a partir disso... Então, teve um período que eles dominaram todas as oficinas, 90% das oficinas eram dominadas (...) E aí que veio a necessidade da gente também de começar a caminhar com as próprias pernas nossas. Que antes a gente trabalhava só por, trabalhava só por encomenda, só por mão-de-obra. (...) e foi onde a gente também foi procurando também trazer cursos para cá em Santo Antônio do Leite, que todo mundo tinha o trabalho, a prática e não a teoria. (p.02-3)

Neste momento, alguns artesãos começam a organizar-se com a proposta de montar uma associação e com isso sair do domínio dos “estrangeiros” que faziam o escoamento da produção da localidade. Construíram um espaço onde ocorre, atualmente, em Santo Antônio do Leite, a feira de artesanato e buscam articulação com os poderes públicos para a implementação de infra-estrutura que facilite o fortalecimento do turismo e do artesanato. Este processo também não foi unânime, pois não são todos os artesãos que participam da associação, contudo ocorreu o “passo a mais” do qual Marta fala. Muitos artesãos conquistaram autonomia e montaram suas próprias oficinas, negociando diretamente com os clientes, seja independentemente ou através da associação.

Entretanto, as reestruturações existentes nesse terceiro momento também dizem respeito à busca de novas técnicas por parte destes artesãos, o que proporcionou e está proporcionando novas hibridações em seus trabalhos. Estas buscas se deram tanto individualmente como em coletivamente através da participação em cursos.

Eu, em 90, parei aqui com o pessoal e me mudei para Ouro Preto porque eu queria aprender o ofício em ouro. Uma colega também já tinha feito isso. Eu pensava “eu preciso aprender”, porque aqui eu não ia ter oportunidade para aprender técnicas no ouro. E nesse período aprendi algumas coisas e depois numa crise, sei lá, sentimental que eu tive, de perda, eu disse “vou inovar”. Acho que isso foi em 95, eu achei uma pessoa que também estava interessada em coisa nova. Eu comecei a misturar o que eu já sabia aqui daquelas coisas repetitivas com o clássico, a coisa bem polida e não sei o que e vim fazendo. (...) Aí misturou, ficou muito jóia (AMARO, p.05-6).

E, como citado anteriormente, as reestruturações estão, de certa forma, relacionadas com o mercado, as mudanças e estas vinculações estão presentes nos

relatos. Um dos reflexos da diminuição do mercado foi a diminuição dos artesãos que trabalhavam em prata no Leite.

Então, nesse processo, através desse curso que a gente fez pelo Instituto Boa Esperança, a gente já caiu na linha do trabalho liso. Ninguém usava um lixa na ponta do motor, então foi onde nós também aprendemos. E aqueles que fizeram o curso foram passando para outras pessoas que não tinham feito (DA SILVA, 2009, p.03-4)

Olha, hoje, somos menos da metade e, bom, agora, logicamente, com novas técnicas porque também fizemos cursos (...) Então, assim, fomos descobrindo novas técnicas e, assim, temos uma competência muito grande com cliente, então a qualidade teve que melhorar. Então os que levaram isso, a maioria do trabalho estão, os outros saíram, porque o mercado está assim, está exigindo mesmo. Agora somos, acho que trinta artesãos de prata. E a qualidade, posso te dizer... logicamente, gostaríamos de pegar novas técnicas, pegamos o curso do CEFET, parece que ele vai prolongar mais seis meses, então seria um ano de curso, isso para a gente é ótimo. E com novas técnicas mesmo, joalheria com matemática. (SILVA, 2009, p.04. grifo nosso)

Esta última frase representa bem o processo de hibridação deste terceiro momento, a busca pela modernização do produto artesanal. Não tentando inseri-lo na lógica industrial, mas inserindo tecnologias mais avançadas, misturando as técnicas apreendidas durante o primeiro momento com a inovação. Temos aqui a experiência de uma outra temporalidade, uma temporalidade moderna. Uma produção artesanal que reúne, assim, uma vivência de uma temporalidade pré-moderna alcançada pela contracultura e as técnicas modernas de joalheria, uma outra temporalidade, ou seja, um espaço multi-temporal.

#### CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

A produção artesanal desempenhou papel importante para a consolidação da vida comunitária alternativa de Santo Antônio do Leite, servindo também como fator que intermediou a aproximação e diminuição dos conflitos entre a comunidade tradicional da localidade e os hippies/artesãos que chegavam ao distrito. Além disso, o artesanato gerou emprego e renda para os moradores locais que vieram a ser posteriormente seus principais produtores e Santo Antônio do Leite um pólo de artesanato em prata no país, não sendo mais dos hippies, mas, se podemos dizer assim, um produto característico do distrito. Contudo, enquanto em um primeiro momento ele serviu para a consolidação e superação dos conflitos, no momento seguinte ele se tornaria ponto de tensão entre membros do grupo que introduziu este trabalho na localidade. Hoje, superada parte

desses atritos, o artesanato constitui peça fundamental de construção identitária tanto para os “estrangeiros” quanto para os “nativos” que se dedicam a este trabalho.

Pensando no próprio subtítulo do trabalho de García Canclini, *Estratégias para entrar e sair da modernidade*, podemos utilizá-lo no sentido inverso no que diz respeito ao artesanato em Santo Antônio do Leite, entendendo que este foi inicialmente uma *estratégia* utilizada pela contracultura para *sair* da modernidade. Por outro lado, o artesanato tem sido uma *estratégia* para *entrar* na modernidade. O trabalho artesanal realizou uma reorganização do tempo no que tange o aspecto econômico, promovendo uma alteração na vivência de tempo. No primeiro momento, tivemos isto bem claro no que diz respeito a nossa proposta original, o artesanato como retorno a formas pré-industriais de produção. Contudo, percebemos que a relação vai invertendo-se nos momentos seguintes, pois, enquanto, anteriormente, os hippies/artesãos buscavam uma experenciação de um tempo pré-moderno através da produção artesanal, os artesãos locais, devedores dessas vivências, procuram experimentar uma temporalidade moderna por meio desta mesma prática, inovando o artesanato com o incremento de técnicas mais avançadas em seus trabalhos.

## REFERÊNCIAS

AMARO, Marta Eliza. Depoimento de *Marta Eliza Amaro* cedido a Leon Kaminski em 17 de fevereiro de 2009.

ASSAF, Jamil (a). Depoimento de *Jamil Assaf* cedido a Leon Kaminski em 05 de agosto de 2007.

ASSAF, Jamil (b). Depoimento de *Jamil Assaf* cedido a Leon Kaminski em 06 de agosto de 2007.

ALBERTI, Verena. A vocação totalizante da história oral e o exemplo da formação do acervo de entrevistas do CPDOC. In: INTERNATIONAL ORAL HISTORY CONFERENCE (10.: 1998: Rio de Janeiro, RJ). Oral history challenges for the 21st. century: proceedings [of the] International Oral History Conference. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV/FIOCRUZ, 1998. v.1. p.509-515. <disponível em [www.cpdoc.fgv.br](http://www.cpdoc.fgv.br)>.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

DA SILVA, Dílson Ribeiro. Depoimento de *Dílson Ribeiro da Silva* cedido a Leon Kaminski em 17 de fevereiro de 2009.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2006.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

KASTEN, Gisela. Depoimento de *Gisela Kasten* cedido a Leon Kaminski em 13 de agosto de 2007.

MADRAZO, Cristina Núñez. Memoria colectiva y subjectividad social: reflexiones en torno al uso de las fuentes orales en la investigación social. In: *Nskayotl*, n. 6 e 7. Xalapa: Universidad Veracruzana, out 1996-abril 1997. p. 9-17.

MAMBERTI, Sérgio. “Um caso”. In: *Organic AlterNETive* - fanzine on-line. Ano II n. X (s/d). Disponível em <[www.ufsm.br/alternet/zine/cal104.html](http://www.ufsm.br/alternet/zine/cal104.html)>. Acessado em: 14 nov 2007.

NEVES, Lucilia de Almeida. História, memória e sujeito: substratos da identidade. *História Oral*, n.3, v.3, jun.2000. São Paulo: ABHO.

RAMPAZZO, Patrizia. Depoimento de *Patrizia Rampazzo* cedido a Leon Kaminski em 1º de fevereiro de 2009.

SANTOS, Tiago Borges dos. *Lira Pau-Brasília: entre fardas e superquodras: poesia, contracultura e ditadura na Capital (1968-1981)*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SILVA, Claudia Rosário. Depoimento de *Claudia Rosário Silva* cedido a Leon Kaminski em 17 de fevereiro de 2009

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. In: *História Oral*, n.5. São Paulo: ABHO, jun 2002.